

# A INTERPRETAÇÃO ANARQUISTA DA REVOLUÇÃO SOCIAL

## ANÁLISE DE UM DEBATE INACABADO DA BARCELONA PROLETÁRIA

Livio Basevi Rosa<sup>1</sup>

**Resumo:** Em junho de 1936, a Federação Local de Grupos Anarquistas de Barcelona realizou um intenso debate ao redor do tema “A Interpretação Anarquista da Revolução”. Através da leitura e análise da ata desta reunião, é possível entender a tensão existente dentro do movimento anarcossindicalista que, às vésperas dos eventos que sacudiriam a Espanha um mês depois, tentava desenvolver uma linha que pudesse dar conta dos acontecimentos que se previa poderiam ocorrer. Este artigo busca analisar as posições que emergem nesta ata e sua relação com os eventos posteriores. Também busca trazer para o presente a necessidade de retomar este debate, definindo algumas perguntas que possam servir de base para futuras elaborações.

**Palavras-chave:** CNT-FAI, Revolução Espanhola, Poder Popular, Manuel Escorza del Val, Juan Garcia Oliver.

**Resumén:** en junio de 1936 la Federación Local de Grupos Anarquistas de Barcelona realizó un intenso debate alrededor del tema “La Interpretación Anarquista de la Revolución”. A través de la lectura y análisis del acta de la reunión, es posible entender la tensión existente dentro del movimiento libertario que, en las vísperas de los eventos que sacudirían a España un mes después, intentaba desarrollar una línea que pudiera entomar los acontecimientos que se preveía podrían ocurrir. Este artículo busca analizar las posiciones que emergen del acta, y su relación con los eventos posteriores. También busca traer para el presente la necesidad de retomar este debate, definiendo algunas preguntas que puedan servir para futuras elaboraciones.

**Palavras chave:** CNT-FAI, Revolución Española, Poder Popular, Manuel Escorza del Val, Juan Garcia Oliver.

**Abstract:** In June 1936, the Local Federation of Anarchist Groups in Barcelona held an intense debate on the theme ‘The Anarchist Interpretation of the Revolution’. By reading and analysing the minutes of this meeting, it is possible to understand the tension within the anarcho-syndicalist movement which, on the eve of the events that would shake Spain a month later, was attempting to develop a line of action capable of addressing the developments that were anticipated. This article aims to analyse the positions that emerge from the minutes and their relationship to subsequent events. It also seeks to highlight the need to revisit this debate, setting out some questions that may be useful for future discussions.

**Key-words:** CNT-FAI, Spanish Revolution, Popular Power, Manuel Escorza del Val, Juan Garcia Oliver.

---

<sup>1</sup> Pesquisador associado ao ITHA, lvbsvrs [at] proton.me

## Introdução

A princípios de junho de 1936 os grupos da cidade de Barcelona integrantes da Federação Anarquista Ibérica (FAI) realizaram uma de suas reuniões. Graças à sorte da ata deste encontro ter sobrevivido até os dias de hoje, podemos realizar sua leitura e destacar seu elevado interesse pelo estudo sobre o desenrolar dos acontecimentos agrupados sob o que se conhece como a Guerra Civil e Revolução Espanhola.

Fundada em 1927, ainda durante a ditadura de Primo de Rivera, a FAI foi o resultado da evolução organizativa do anarquismo e, se bem que em seus princípios abarcasse o território português, foi na Espanha onde principalmente se desenvolveu. A estrutura da FAI baseava-se na constituição de diferentes grupos de afinidade, que se coordenavam localmente através de uma Federação Local. Por sua vez, a coordenação entre as diferentes federações locais confluía em um Comitê Regional, estabelecendo assim o enlace com o Comitê Peninsular, estrutura de coordenação geral<sup>2</sup>.

Apesar da ditadura, os anos ‘20 haviam sido de efervescência, sobretudo por causa da atividade sindical da Confederação Nacional do Trabalho (CNT), sedimentada pelos êxitos da estruturação dos Sindicatos Únicos a partir do Congresso de Sants em 1918 que conduziram ao grande triunfo da jornada de oito horas após a greve da Canadense (OMEDES, 2019; p. 81-88). Durante os anos 20, dentro da CNT formam-se três grandes tendências: a primeira defendia a neutralidade ideológica do sindicato, enquanto a segunda defendia adotar o anarquismo e o objetivo do comunismo libertário como objetivo de mais largo prazo. Ambas entraram em conflito em algumas ocasiões, especialmente quanto às condições de retorno à legalidade, encabeçadas por Angel Pestaña e Joan Peiró respectivamente. Já a terceira destacou-se por seu caráter mais radical não apenas quanto ao conteúdo ideológico, defendendo que os sindicatos eram apenas um meio para chegar à anarquia, mas também por confluir com militantes mais jovens e inclinados às ações de tipo terrorista (atentados, expropriações etc.) contra a patronal. Justamente serão os militantes desta terceira tendência que impulsionarão a fundação da FAI, com a intenção de unificar o movimento anarquista e orientar a CNT ideologicamente (OMEDES, 2019; p. 92-99).

Ao ocorrer a queda da ditadura e ao proclamar-se a república em 1931, a retomada fervorosa das atividades políticas também acarretará a escalada do conflito interno, agravado pela estagnação de melhoras sociais. A polêmica explodiu rapidamente no mesmo ano, com a publicação de um manifesto assinado por trinta destacados militantes cenetistas (das duas primeiras tendências anteriormente

---

<sup>2</sup> A sistematização desta estrutura foi elaborada a partir dos arquivos consultados e da bibliografia citada, levando em consideração o processo decisório. Não constitui numa elaboração exaustiva de todos os comitês, secretarias, seções etc, isto é, de toda a estrutura completa da FAI.

mencionadas). Apelidado de ‘Manifesto dos Trinta’, denunciava o aventureirismo da FAI que buscava realizar a revolução social “a toque de caixa” a partir de intentonas insurrecionais (GOMEZ, 2024; p. 24-26).

No decorrer desta polêmica, é importante ressaltar que a divisão entre ‘faístas’ e ‘treintistas’ não equivalia exatamente a um vínculo direto com a FAI ou com o Manifesto dos Trinta: “Ser “faísta” equivalia a ser anarcossindicalista revolucionário; ser “treintista” equivalia a ser anarcossindicalista reformista, pertencessem ou não uns ou outros à FAI ou ao grupo dos Trinta”. (OLIVER, 1978; p. 188).

A partir das críticas condições sociais, a falta de mudanças concretas, o contexto internacional e uma classe trabalhadora organizada ansiosa por transformação, a tendência ‘faísta’ desenvolverá, especialmente na Catalunha, uma intensa atividade de inserção sindical, o que levará progressivamente a estabelecer nesta região uma confluência profunda entre a CNT e a FAI (SANS, 2024; p.21-26). Assim, a situação interna confederal acabará resultando na saída da tendência ‘treintista’, para formar Sindicatos de Oposição.

E se a República não foi capaz de resolver os graves problemas sociais que assolavam o país, enquanto a polarização política se radicaliza, tampouco a CNT e FAI conseguirão realizar uma insurreição vitoriosa. Assim, entre 1934 e 1935, notamos como ocorrerá uma importante mudança na orientação estratégica, impulsionando a construção dos chamados Quadros de Defesa da Revolução (CDR), um sistema enraizado de grupos pequenos distribuídos por bairro, dedicados à preparação cuidadosa da luta (GUILLAMÓN, 2018; p. 11-17). Em maio de 1936 a CNT realizará um congresso na cidade de Zaragoza, que claramente se insere na preparação revolucionária da organização sindical. Neste congresso há um debate importante sobre o conceito de Comunismo Libertário, sendo aprovada uma declaração final que detalha a definição deste conceito pela CNT e os meios para sua construção. Neste congresso também ocorreu a reintegração dos Sindicatos de Oposição ‘treintistas’. Não foi um congresso isento de polêmicas, como o rechaço por parte de alguns delegados à posição do Sindicato Fabril e Têxtil de Barcelona, representado por Garcia Oliver, que, dentre outras coisas, abordava a necessidade da construção de um exército popular revolucionário, disciplinado e sob controle libertário (PAZ, 2016; p. 449-454).

É nesse agitado contexto que diferentes trajetórias se cruzarão dentro da FAI, carregando diferentes perspectivas, forjadas nos contextos daqueles anos: sobreviventes da década anterior que voltam do exílio ou saem das prisões, como é o caso dos integrantes do grupo *Los Solidários*, que ficaram conhecidos por sua resposta armada à repressão e à violência patronal. Dentre estes, destacam-se os nomes de Buenaventura Durruti, Francisco Ascaso e Juan Garcia Oliver. Também há enérgicos propagandistas que ganham espaço nos meios libertários mais ideológicos como Diego Abad de

Santillán e Federica Montseny. E daqueles jovens que se estão formando e iniciando sua militância nos diferentes ateneus, espaços físicos de diferentes atividades organizadas pela CNT e pela FAI (e sua recém-criada organização juvenil, a FIJL<sup>3</sup>) nos bairros operários, como é o caso de Manuel Escorza del Val.

Diferentes trajetórias que, de certa forma, também terão certo impacto no desenvolvimento futuro. Se a FAI, por um lado, permitiu dotar a CNT de uma linha diretamente revolucionária, ao mesmo tempo, como reconhece o próprio Garcia Oliver, parece que teria escancarado as portas do movimento anarcossindicalista a elementos externos ao mundo operário, a uma pequena classe média de intelectuais (OLIVER, 1978).

É nesse clima, com o peso de uma conjuntura que se precipita às portas, que ocorre a reunião da qual trata este artigo. A seguir, apresentaremos um resumo do conteúdo da ata mencionada, à qual correspondem toda a informação e as citações, a não ser quando diferentemente indicado. Depois, analisaremos resumidamente os eventos posteriores, colocando-os em relação com o debate da ata e, por fim, na conclusão, buscaremos trazer todo este debate para o tempo presente.

### **A Plenária de Grupos Anarquistas de Barcelona de Junho de 1936**

São cinco páginas batidas à máquina, com algumas correções posteriores feitas à mão, com uma tinta preta. A margem direita das páginas encontra-se danificada o que torna muitas palavras de difícil leitura. No topo do documento podemos ler *ACTA DEL PLENO LOCAL DE GRUPOS ANARQUISTAS DE BARCELONA CELEBRADA* [ilegível, mas parece dizer “*EN EL DÍA*” e o que parece ser um número 3, 5 ou 9] *DE JUNIO DE 1936*. Abaixo de uma linha, indica-se a distribuição das tarefas de moderação da reunião: o grupo *Ideas* preside à moderação, o secretário de ata fica a cargo do grupo *Nosotros*<sup>4</sup> e o secretário de palavras fica a cargo da Federação Local. Supomos que esta distribuição corresponde a que um militante de cada um destes grupos assumiria as tarefas indicadas.

Abaixo de outra linha, inicia-se a redação da ata, relatando que a reunião começa com uma comunicação do Comitê Peninsular sobre a necessidade de que todos os militantes e todos os grupos precisem estar em contato constante e ativo entre si, um claro indicador da crescente tensão política e da previsão de um golpe de Estado considerado já como algo quase inevitável.

---

<sup>3</sup>Federação Ibérica de Juventudes Libertárias

<sup>4</sup>Refundação do grupo *Los Solidarios*. De acordo com Ricardo Sanz, os integrantes deste grupo seriam: Francisco Ascaso, Buenaventura Durruti, Juan Garcia Oliver, Rafael Torres Escartin, Aurélio Fernández, Ricardo Sanz, Gregorio Jover, Antonio Ortiz, Julia López Maynar, Pepita Not, Ramóna Berni y Maria Luisa Tejedor. Também teria contado com os seguintes colaboradores: Adolfo Ballano Bueno, Paulino Colet y Jaime Palau. (SANZ, 2015 [1966] p. 189)

Além da situação externa, podemos notar como também já deveria haver uma situação interna tensa, e que se irá desenvolver ao longo da reunião. Esta tensão identificamos que corresponde a uma diferença substancial sobre concepções e perspectivas relacionadas à ação revolucionária, especialmente no que se relaciona com o tema do poder. Parece inclusive que a reunião havia sido convocada para buscar resolver de certa forma estas divergências, já que imediatamente após um informe (não especificado) da Federação Local e de uma questão de ordem do grupo *Nosotros*, o grupo “Seis Dedos” solicita que se passe ao quinto ponto da pauta (não especificada inteiramente) denominado a interpretação anarquista da revolução.

Após uma breve discussão sobre como realizar o debate, este desenrola-se ao redor das defesas e críticas das posições que vinham sendo expressas por “G.O” que identificamos como Juan Garcia Oliver. Este teria vindo defendendo concepções sobre a revolução social que apontavam para uma tomada do poder por parte do movimento libertário e a necessidade da formação de um exército popular. Estas posições teriam como referência uma apresentação realizada no congresso da CNT de Zaragoza daquele mesmo ano ao redor da questão de definição do Comunismo Libertário, afirmando seu conteúdo plenamente anarquista.

Para Garcia Oliver, os feitos revolucionários teriam como característica o fato de produzir um movimento de expansão de potencialidade infinita e, portanto, isso daria lugar à necessidade de saber até onde se quer chegar, assim como à preparação para orientar este movimento. Analisando o conceito de revolução, Garcia Oliver teria dito que “A Revolução não vem a solucionar uma necessidade estética, mas a resolver uma série de problemas de ordem social<sup>5</sup>”, além de comentar a falta de documentos sobre o fracasso de outros movimentos revolucionários para realizar um bom balanço.

Ampliando este raciocínio, surgia então a importância de que durante a revolução o poder das armas deveria estar nas mãos dos anarquistas. Ao mesmo tempo, uma vez iniciado o movimento revolucionário pelo poder das armas, não poderiam ser estas que concederiam as novas liberdades e novos direitos, sendo, portanto, necessária a convocação de um grande congresso popular. Porém, caso este congresso não acabe indo em direção às aspirações e linhas do Comunismo Libertário, seria então dever dos anarquistas acabar com este congresso e impulsar sua própria revolução.

Outros militantes do grupo *Nosotros* insistirão no fato de que não podiam permitir que os esforços dos anarquistas pudessem servir a uma força alheia, defendendo a necessidade de que a revolução fosse anarquista, e detalhando que, na questão do exército, o conceito deste referia-se inicialmente ao sentido de disciplina militante.

---

<sup>5</sup> Tradução nossa. No original: *la Revolución no viene a llenar una necesidad estética, sino a solucionar una serie de problemas de orden social.*

Ferrenhos críticos destas posições seriam os grupos *Nervio*, *A*, *Justicia*, *Indomables* e *Germen*. Suas principais preocupações relacionam-se ao uso da palavra poder, e a forma de apresentá-las varia em intensidade:

- Uma oposição mais moderada, expressa pelos grupos *Germen*, *Justicia* e *Voluntad*. *Germen* parece colocar a questão de forma mais cuidadosa ao pedir muita cautela na hora de usar palavras que possam ser mal compreendidas, e preocupando-se mais em chegar a uma posição de consenso. *Justicia* irá relativizar um pouco as concepções discutidas, dizendo que o assalto aos edifícios públicos representativos do poder não seria senão nada mais do que a destruição do mesmo, e propondo no lugar do exército as guerrilhas ou grupos de defesa. *Voluntad*, apesar de coincidir que usar a palavra poder seria deixar de ser anarquista, reconhece a necessidade da imposição em um sentido mais geral pois sem ela não se pode conseguir a revolução;
- Os grupos *Nervio*<sup>6</sup>, *Indomables*<sup>7</sup> e *A* serão mais agressivos em sua oposição. *Nervio* deixará clara sua intenção de que estas palavras deixem de ser utilizadas para impedir interpretações consideradas retorcidas, e Germinal de Souza, integrante do mesmo grupo e membro do Comitê Peninsular da FAI, insistirá sobre a necessidade de que Garcia Oliver rechace todo conceito sobre exército e poder. *Indomables* embora aborde a questão de que os anarquistas não devem permitir que se lhes roube a revolução, e que ao iniciar-se esta é matar e morrer, defenderá a posição de que o poder seja negação do anarquismo, rechaçando-o e afirmando que não haveria coincidência entre poder e exército com o povo. E o grupo *A* fará diferentes intervenções afirmando que não apenas não se pode chegar à liberdade por meio da imposição, mas também que todo aquele que seja partidário do poder, deixaria de ser anarquista já que:

A revolução anarquista não pode ser outra coisa que a plasmação de condições livres de convivência e que em nenhum momento podemos ir em direção à criação de um poder coercitivo [e] que unicamente, podemos em último aspecto, defender-nos fortemente frente à contingência de que outras forças tentassem destruir-nos.<sup>8</sup>

A posição diferente será a do grupo “Seis Dedos”, representado por Manuel Escorza del Val<sup>9</sup>. Este deixará clara a aproximação aos conceitos elaborados e defendidos por *Nosotros*. Considerando

---

<sup>6</sup>Seus integrantes teriam sido: Diego Abad de Santillán, Pedro Herrera, Idefonso González, Fidel Miró, Germinal de Souza. E teria sido este grupo o responsável pelo Comitê Peninsular da FAI entre 1936 e 1939 (SANTILLAN, 1977)

<sup>7</sup>Federica Montseny teria participado deste grupo (SANTILLAN, 1977).

<sup>8</sup>Tradução nossa. No original: *La revolución anarquista no puede ser otra cosa que la plasmación de condiciones libres de convivencia y que en nin[gun] momento podemos ir a la creación de ningun poder coercitivo que unicamente podemos en último aspecto, defendernos fuerte[ment]e frente a la contingencia de que otras fuerzas intentasen aplastarnos.*

<sup>9</sup>A ata apenas indica a sigla “E.”, que os historiadores Guillamón e Sans concordam em identificar como Escorza.

que nenhuma interpretação deveria cair no estancamento, seguindo em uma descrição sobre a gênese dos feitos revolucionários Escorza constata que “se os anarquistas não influenciaram de forma decisiva na marcha e desenvolvimento dos acontecimentos, foi talvez por aquelas reservas de ordem moral, que impediam que eles imprimissem seu selo original por não querer coagir aos companheiros e multidões.”<sup>10</sup> (ANC1-886-T-6314). Daí ele coincidiria com a necessidade da formação de exércitos e outras formas de organização rechaçando o romanticismo e afirmando que não poderiam deixar-se influenciar por ilusões: “pecamos algo de infantilismo ao acreditar que se poderá empunhar as ferramentas de trabalho e as armas ao mesmo tempo e que, pela mesma razão, não deve nos assustar a ousadia de algumas palavras, e que devemos procurar interpretá-las fielmente no sentido que lhes deve ser atribuído”<sup>11</sup> (ANC1-886-T-6314).

Escorza também chega a avaliar que o proletariado não se encontraria mais em condições de ignorância e, ao contrário, demonstraria consciência e objetividade sobre suas tarefas, afirmando então que o trabalho daquilo que ele chama de “minorias audazes e determinativas” não seria o de dirigir o movimento popular e revolucionário, mas sim o de imprimir a este um selo propriamente anarquista.

Frente aos ataques recebidos, o grupo *Nosotros* buscará se defender ao longo da reunião para demonstrar que não haveria a menor negligência por parte de seu grupo em relação aos princípios anarquistas e que, ao contrário, o que pretendia era aproveitar suas forças para o triunfo da revolução. Também não faltarão comentários amargos e irônicos por parte do grupo, como perguntas sobre se os presentes à reunião estariam pensando seriamente em fazer a Revolução. Insistindo que estariam em uma época de realizações e de audácia e que, portanto, não podiam pensar da mesma maneira como se pensava em épocas passadas.

A este ponto, a ata é de difícil leitura, já que o cansaço visivelmente teria afetado a pessoa encarregada de anotar tudo, e encontramos uma série de frases que fazem referências a debates e coisas ditas que, porém, não são explicadas, assim como uma evidente confusão na hora de registrar falas (por exemplo, a existência de parágrafos que parecem falas distintas, porém não está indicado por quem). De todas as formas, a reunião acaba chegando ao fim, mais por esgotamento do que por outra coisa, já que não se acaba com nenhuma conclusão. Significativa é a frustração que emerge das palavras de Francisco Ascaso, integrante do grupo *Nosotros*, que chegará a dizer estar feliz que o povo não pudesse

---

<sup>10</sup>Tradução nossa. No original: *si los anarquistas no influyeron en forma decisiva en la marcha y desarrollo de los acontecimientos, fue tal vez por aquellas reservas de orden moral, que impedían que ellos imprimieran su sello original por no querer coaccionar a los compañeros y multitudes.*

<sup>11</sup>Tradução nossa. No original: *pecamos algo de infantilismo al creer que se podrá empuñar las herramientas de trabajo y las armas al mismo tiempo y que p[or] lo mismo no puede asustarnos la audacia de algunas palabras y que debemos procurar interpretarlas fielmente en el sentido que deben darseles.*

ver a FAI por dentro, e considera que algumas das posições contrárias às de seu grupo teriam influências que levariam a posições contrárias ao Comunismo Libertário.

Não sabemos por quantas horas durou o encontro, porém pelas intervenções registradas podemos ter uma ideia de que deve ter sido extenso e, como vimos pela tensão, bastante cansativo. Podemos imaginar os diferentes integrantes retirando-se pouco a pouco, com uma sensação de frustração e cansaço geral.

Ao longo da ata também emerge um detalhe de menções ao fato de que Garcia Oliver teria sido chamado à atenção por certos artigos que teria escrito para *Tierra y Libertad*, o jornal da FAI, tendo sido solicitado que ele se retirasse da atividade de escrita e propaganda. Não sabemos exatamente o que ocorreu aqui e é curioso que Garcia Oliver não mencione estes episódios em suas memórias, porém vale notar que o jornal naquele momento estava dirigido por Diego Abad de Santillán, integrante do grupo *Nervio* e membro do Comitê Peninsular da FAI. Ou seja, um indicativo mais da polêmica e da disputa que vinha se desenvolvendo no seio da FAI, que, pelo que parece, estaria também agravada por uma provável disputa dos egos.

Seja como for, hoje, sabendo todo o desenrolar dos acontecimentos, podemos afirmar que nesta ata encontramos importantes elementos para entender a questão de fundo por trás de diferentes problemas que tiveram as forças libertárias durante a Revolução e a Guerra Civil Espanhola. A falta de um projeto de poder claro e pragmático acabou resultando em que os libertários fossem gradualmente perdendo sua iniciativa inicial, acabando, no médio prazo, por irem a reboque das forças republicanas e comunistas – que se dedicariam desde o princípio a combater o anarcossindicalismo, talvez com até mais afinco do que o fascismo.

### **Guerra Civil: entre a colaboração antifascista e a revolução social**

Cerca de um mês depois desta reunião, Barcelona amanhecia com o soar incessante do alarme das fábricas. A este sinal responderam todas as ramificações das organizações libertárias e anarcossindicalistas, saindo às ruas para parar a marcha dos militares que saíam dos seus quartéis com a intenção de apoderar-se da cidade. Esta sublevação coordenada em toda a Espanha tinha por objetivo realizar um golpe militar, abolir a república e instaurar uma ditadura, com o apoio da Igreja, da burguesia e dos governos nazifascistas da Alemanha e da Itália.

Porém, em Barcelona, a classe trabalhadora organizada através dos CDRs, apesar do sacrifício de inúmeras vidas, conseguirá derrotar o exército em um combate encarniçado após as intensas jornadas de 18 a 20 de julho. Uma vez derrotado o golpe na Catalunha, seguirá uma resposta similar em

diferentes regiões, enquanto em outras os militares conseguiram estabelecer-se. Dividida a Espanha, começa então a Guerra Civil.

A vitória anarcossindicalista em Barcelona, frente a um governo inerte, teria levado à estranha situação em que, sem ter realmente conduzido uma insurreição, mas sim derrotado uma, as organizações libertárias acabam sendo as donas da situação. Ter-se-ia então produzido uma plenária extraordinária da CNT sobre o que fazer a seguir, e embora as atas desta reunião não tenham chegado até nós, o relato dela foi recolhido em algumas memórias de militantes que nela teriam participado. Ali, teriam emergido três linhas diferentes (PAZ, 2016; p. 504-505):

- Ir “a pôr tudo”, proclamar o Comunismo Libertário e realizar de imediato a Revolução Social, proposta por Garcia Oliver;
- Manter uma atitude colaboracionista, de aliança ampla com todas as forças antifascistas e manutenção da República, representada por Diego Abad de Santillán e Federica Montseny;
- Utilizar o governo republicano para realizar a revolução na esfera econômica (coletivizar campos e indústrias), que, ao ter como resultado converter o sindicalismo na força dominante da nova sociedade, acabaria esvaziando o governo de poder e, portanto, acabaria tornando-se obsoleto e cairia facilmente, desenvolvida por Manuel Escorza del Val.

Por mais que na Catalunha a força da CNT fosse quase absoluta, o mesmo não ocorria no resto das áreas que haviam conseguido resistir ao golpe. Esta consideração teria acabado por colocar em absoluta minoria a posição de tomada do poder declarando o Comunismo Libertário. Ao contrário, foi decidido constituir o Comitê Central de Milícias Antifascistas, que reunia representantes de todas as organizações da esquerda e que durante alguns meses funcionou como o verdadeiro órgão de governabilidade na Catalunha. Até que, a partir de diferentes pressões, este acabou dissolvendo-se e seus poderes foram reestabelecidos à *Generalitat*, o órgão de governo estatal da região da Catalunha, integrando-se a CNT a esta. Ainda poucos meses depois disto, a CNT acabará ingressando dentro do governo da República assumindo os ministérios de Justiça, Indústria, Transportes e Saúde. Também no plano militar, apesar de uma resistência inicial, o movimento libertário acabará aceitando e promovendo a militarização das milícias e a formação de um Exército Popular.

Porém é inegável que apesar desta colaboração, enormes esforços foram dedicados para impulsionar uma grande transformação social realmente revolucionária através da expropriação, coletivização e cooperativização de fábricas e terras. Além da apropriação dos meios de produção pelos

trabalhadores e trabalhadoras, também foi enorme o trabalho de organizar e coordenar toda a economia e a produção por meio dos sindicatos.

Assim, a questão que as organizações anarcossindicalistas terão de fazer frente é: como organizar a sociedade realizando seu programa comunista libertário tão prometido e sonhado entre as massas, ao mesmo tempo que concilia estas aspirações com as contradições impostas pela guerra e a colaboração antifascista. Ao encontrar-se com o poder nas mãos, o movimento terá que improvisar em grande parte sua atuação, e apesar do caos inicial cabe destacar a energia e a criatividade de diferentes iniciativas, que em diferentes campos levou à uma séria eficiência fundamental para impedir o colapso econômico e militar (GOMEZ, 2024; p. 171-176).

Ao passarem-se seis meses, porém, o contexto da a colaboração antifascista estava cada vez mais por um fio em meio a uma série de manobras, polêmicas, provocações e conspirações. Evidências substanciais já indicavam de que havia uma conspiração em curso para atacar o movimento anarquista, a partir de setores republicanos, catalanistas e comunistas/soviéticos. Todas estas tensões deviam parecer bem próximas ao seu ponto de ruptura, e, de fato, explodirão nos primeiros dias de maio, quando a tentativa dos socialistas de apoderar-se, pelas armas, do edifício da Telefônica – coletivizado e controlado pela CNT – levará as bases anarcossindicalistas à resposta insurrecional. Após alguns dias de confrontos descoordenados pelas ruas de Barcelona, as lideranças cenetistas negociarão a paz e reconduzirão suas bases a abaixarem as armas. O saldo de vidas humanas será de cerca de quinhentos mortos, e o saldo político será uma crescente marginalização da CNT e da FAI (SANS, 2024; p. 170-240).

Em resumo, o Estado que quase havia desaparecido e sido substituído por novas instituições populares em 1936, pouco a pouco conseguiu ir retomando espaço, abolindo e substituindo estas instituições surgidas de Julho. As jornadas de maio de 1937 sem dúvida marcam uma inflexão importante neste processo, a ponto de uma forte repressão ser desencadeada contra a militância anarcossindicalista e tudo o que cheire a revolucionário. Sob o pretexto e chantagem do apoio das potências estrangeiras (União Soviética, França e Inglaterra), o partido comunista e outras organizações pequeno-burguesas (como as nacionalistas/independentistas catalãs) atuarão em um processo realmente contrarrevolucionário<sup>12</sup> durante os anos de 1937-38 e inevitavelmente desmoralizador entre as massas proletárias (SANS, 2024; 264-283).

As diferentes condições e acontecimentos também acarretarão uma série de divisões internas dentro da CNT e da FAI. Entre aqueles que irão se considerar mais puros, aqueles que irão se

---

<sup>12</sup> Um caso emblemático é o caso das coletividades camponesas de Aragão, dissolvidas à ponta de fuzil.

burocratizar, aqueles que tentarão manter o equilíbrio de alguma forma... As razões e os momentos são diversos. Se em um primeiro momento a FAI acabara indo à reboque da CNT, progressivamente, entre 1937-38, irá se formando um certo abismo entre as direções de ambas as organizações, entre um Comitê Nacional da CNT preocupado em manter o que restava da colaboração antifascista e um Comitê Peninsular da FAI mais adverso ao governo comunista-republicano e seus desastres estratégicos (SANS, 2024; GUILLÉN, 1980).

Ao longo de 1937 a FAI buscará reformar sua estrutura como organização específica, substituindo o sistema de grupos de afinidade por uma estrutura mais unitária, de partido, centrada em agrupações territoriais. Porém, entre um Comitê Peninsular aparelhado pelo grupo *Nervio* e a inconformidade de diferentes grupos na cidade de Barcelona, a situação nesta cidade chegará ao ponto em que haverá um racha entre a Agrupação Anarquista de Barcelona e a Federação dos Grupos Anarquistas de Barcelona, mantendo-se de toda forma ambas dentro da FAI (SANS, 2024; p. 286-288).

Uma outra tentativa de organização que surgirá no contexto de 1937 será a da Agrupação Amigos de Durruti. Desenvolvendo-se à margem e em oposição aos comitês superiores da CNT e da FAI, sua existência, porém, será efêmera. Sua produção teórica estará reduzida à inconformidade pela situação de declínio, contrapondo aos problemas e contradições a pureza das proclamações revolucionárias abstratas, terminando por serem expulsos da CNT (GUILLAMON, 2018; p. 61-70).

Desmoralização do povo e implosão da colaboração antifascista, que juntamente com o deterioro das condições materiais, resultarão na trágica derrota. Em janeiro de 1939, Barcelona cairá sem que fosse necessário disparar nenhum tiro. À República não apenas não restava munição, como também já não restava quase nada daquela resistência popular que outrora fora capaz de derrotar o fascismo em diferentes ocasiões.

## **Comunismo Libertário e Poder**

No dia 24 de março de 1937 celebrou-se uma reunião conjunta entre os comitês superiores libertários<sup>13</sup>. Nesta reunião, encontramos a Escorza buscando analisar a situação perguntando-se que posições ocupavam e quais interessaria ocupar. Ele também constata a ausência por parte do movimento anarcossindicalista de “uma teoria política sobre o poder, (...) [já que] a todos nos espanta esta palavra”<sup>14</sup>(IISG-CNT-85C1).

---

<sup>13</sup> Ou seja, as instâncias de coordenação tanto da CNT como da FAI.

<sup>14</sup>Tradução nossa. No Original:

Escorza com esta fala parece constatar amargamente aquilo que devia surgir como uma das principais debilidades das organizações libertárias, uma falta que estaria impedindo uma elaboração estratégica mais precisa para uma situação enormemente complexa onde as simplificações não eram permitidas. Sem dúvidas, os eventos já apresentavam à FAI a conta pelo debate inacabado da reunião que dissecamos de junho de 1936.

A CNT tinha uma elaboração muito clara de qual era seu projeto de sociedade, e quer que digam seus difamadores, era profundamente detalhado e atuável. Não foi por acaso que frente ao colapso do Estado Espanhol a partir das Jornadas de Julho de 1936, os sindicatos souberam dedicar-se à construção de uma nova ordem e uma nova institucionalidade. A autogestão econômica sem dúvidas demonstrou-se possível e, no final das contas, eficiente. Também não faltou ao anarcossindicalismo capacidade de elaboração militar, não apenas nas próprias Jornadas de Julho, mas em todas as frentes onde não faltou o destaque das divisões e comandantes cenetistas, até mesmo após a militarização e constituição do Exército Popular. A capacidade de adaptação e inovação também se destacou na estruturação de uma organização não-mista (*Mujeres Libres*) e na conformação de um dos serviços de espionagem e contraespionagem mais eficazes de toda a Guerra Civil.

Cabe destacar que nos encontramos frente a uma realidade muito mais complexa e que não pode resumir-se a uma simplificação entre participar ou não no governo, como com frequência é apresentado o debate na “mitologia” anarquista. E, com o tempo e o ressurgir do Estado, a CNT orientou-se cada vez mais para buscar assumir esse tipo de espaço, com uma enorme quantidade de municípios cujos cargos e prefeituras foram ocupados por sua militância, com uma série de iniciativas e reformas; nunca renunciou a buscar promover que a organização social e o controle político-econômico fossem exercidos a partir dos sindicatos.

Um ponto fora da curva foi a experiência do Conselho Regional de Defesa de Aragón. A partir da marcha empreendida pelas primeiras colunas de milícias cenetistas lideradas por Buenaventura Durruti, que, após derrotar o fascismo em Barcelona, foram imediatamente em direção à cidade de Zaragoza, uma enorme extensão de terras e povoados foi sendo libertada. Ali, a CNT teve a mais completa e mais ampla ocasião para implementar e experimentar seu projeto de Comunismo Libertário, construindo uma zona de coletivizações autogovernadas e federalizadas no dito Conselho. (GOMEZ, 2024; 118-125)

Portanto, quando nos referimos aqui a um projeto de poder, não nos referimos à capacidade organizativa e de realização, à estratégia ou a um projeto de sociedade. Entendemos o projeto de poder como a dimensão em que todas estas coisas estão juntas e coordenadas dentro de uma estrutura, não apenas entre si, mas entre suas respectivas fases, correspondente à situação da conjuntura.

Na situação que se abre após Julho, nem mesmo os Republicanos tinham um projeto claro e definido; e algumas frações do catalanismo até mesmo chegaram a entrar em diálogo com o fascismo. Porém, foram os comunistas que, apesar de serem a menor das diferentes facções da Espanha Republicana, tinham um projeto de poder muito claro (o Estado Bolchevique). Isso lhes permitiu operar de forma a acabar conseguindo uma maioria política e governamental ainda que correspondessem a uma minoria social (e burguesa).

A questão que buscamos desenvolver nesse artigo, é a de que o anarquismo espanhol da primeira metade do século XX, ainda que dotado de projeto de sociedade e capacidade organizativa, não possuía um projeto de poder suficientemente concreto. E como consequência, isso impactou negativamente as possibilidades de implementar seu projeto de sociedade, assim como sua capacidade de atuação, ao não terem sido capazes de manter no médio prazo a iniciativa política, que se havia desencadeado em Julho. Isso não quer dizer que nada foi feito, pelo contrário. Como vimos, foram inúmeras as iniciativas e processos de reorganização social, econômica e política empreendidos pelo movimento anarcossindicalista. Inclusive, frente às disputas partidárias, disputas personalistas, incompetência militar e ação contrarrevolucionária por parte dos setores estatistas, por duas vezes (abril de 1937 e outubro de 1938) os serviços de inteligência libertários teriam elaborado planos para um golpe de Estado que teria como objetivo sair de uma situação que já se percebia como cada vez mais catastrófica (SANTS, 2024; p. 220-221 e 382-384). Todavia, a não execução destes planos, além de fatores fundamentais como considerações políticas, diplomáticas, carência de armamento, preocupações pelas frentes etc., consiste em um indicador mais não apenas das dificuldades enfrentadas, mas também da incompleta assimilação ideológica entre o movimento anarquista e as difíceis condições e contradições do momento.

Na preparação do congresso de Zaragoza da CNT (maio de 1936), que mencionamos anteriormente, a posição apresentada pelo Sindicato Fabril e Têxtil de Barcelona teria encontrado certa divergência interna no momento de sua elaboração. De acordo com Abel Paz, tal divergência teria sido originada por uma questão de fundo relativa a concepções distintas sobre a revolução que possuíam Durruti e García Oliver. Durruti teria defendido uma revolução anarquista, entendida num sentido amplo, opondo-se ao que seria uma revolução da CNT-FAI. García Oliver, afirma Abel Paz, como um “prático da revolução”, partia da realidade existente naquele momento, da CNT-FAI como únicas organizações proletárias revolucionárias. Esse pragmatismo, porém, teria gerado um certo temor entre militantes como Durruti de que poderia conduzir a uma espécie de ditadura destas duas organizações, assimilável ao processo que havia ocorrido com os bolcheviques na Rússia. Em contraposição, os militantes temerosos à concepção de uma revolução guiada por uma organização de massas e uma

organização política, definiam sua concepção da seguinte forma: “Uma revolução anarquista era a conjunção de todas as forças libertárias orientadas em direção ao comunismo libertário, que abria por si mesma canais de organização social e política”<sup>15</sup> (PAZ, 2016; p. 450).

Tal definição que nos dá o biógrafo de Durruti (e participante adolescente da revolução), é uma amostra bastante demonstrativa das concepções abstratas e mais preocupadas em refugiar-se na anúncia dos princípios com pouca consideração pelas contradições e dificuldades impostas pela realidade, posição que - como pudemos testemunhar – parece ter sido recorrente em alguns setores da FAI:

O que existia, no fundo de ambas teorias era a grande questão do poder revolucionário, tabu que, ao não ser atacado diretamente, contribuía a manter equívocos, que se não eram prejudiciais no momento, assim o seriam tão cedo os acontecimentos situassem a CNT-FAI frente à realidade revolucionária.<sup>16</sup> (PAZ, 2016; p. 450)

## Conclusões para hoje

Certamente a situação era muito complexa e não acreditamos que, em caso de possuir um projeto de poder, as coisas por si só teriam ocorrido de maneira muito diferente. Acreditamos que não é nosso dever julgar a história, porque a história não julga ninguém e não acreditamos em entidades superiores que detenham esta capacidade de juízo final. Nossa intenção é aprender, com os acertos, mas também com os erros, desmistificar os mitos e apropriar-nos das contradições, por acreditar que estas nos colocam importantes questões para o futuro. Como comenta Aristides Pedraza, veterano sindicalista:

Trabalhar neste contexto levanta uma série de questões às quais o cumprimento da ideologia clássica dogmática não permite responder, e há setores mais flexíveis do que nós, que, por exemplo, têm a capacidade de enfrentar os problemas e tentar dar respostas; de maneira que ainda sejam equivocadas, pelo menos estão tentando.

Então, parece-me que temos, quase voluntariamente, um desconhecimento do que foi o processo revolucionário espanhol como um jogo entre poder e contrapoder com todos os elementos de tipo estratégico; e isso temos que recuperar, porque não podemos propor uma verdadeira política revolucionária se não formos capazes de compreender que temos que enfrentar essa complexidade. E não podemos fazê-lo a partir de posições dogmáticas fechadas, porque morremos, morremos, e esse é o problema.<sup>17</sup>

---

<sup>15</sup>Tradução nossa. No Original: *Una revolución anarquista era la unión de todas las fuerzas libertarias orientadas hacia el comunismo libertario, lo que por sí mismo abría vías de organización social y política.*

<sup>16</sup>Tradução nossa. No Original: *En el fondo de ambas teorías se encontraba la gran cuestión del poder revolucionario, un tabú que, al no ser abordado directamente, contribuía a mantener equívocos que, si bien no resultaban perjudiciales en ese momento, lo serían tan pronto como los acontecimientos pusieran a la CNT-FAI ante la realidad revolucionaria.*

<sup>17</sup> Em uma entrevista pessoal, dezembro de 2025.

Noventa anos se passaram desde os eventos descritos neste artigo. Hoje, na América Latina (e outras partes do mundo) grande parte das anarquistas já não parece ter medo de usar a palavra poder. Diferentes trabalhos (LÓPEZ, 2001; MECHOSO, 2015; CORREA, 2010; 2022) tem contribuído para o desenvolvimento teórico da definição do poder em meio ao anarquismo contemporâneo, chegando a definir até mesmo o que seria sua própria forma de poder:

Temos um projeto de poder popular autogestionário que pode ser considerado o principal aspecto de nossa estratégia geral de transformação. Sua construção se inicia ainda sob o capitalismo-estatismo e se fortalece com as lutas, na medida em que organiza e potencializa a força social das classes oprimidas; a efetivação desse poder acontece somente com a revolução social e com a implantação e a garantia do socialismo libertário, quando as classes dominantes são enfim derrotadas. (OSL, 2023, p. 59)

Porém, cabe destacar a importância de se ter cuidado para não confundir o passo com a caminhada. Isto é, a definição teórica do poder não corresponde automaticamente à elaboração concreta de como este seria projetado. Ainda que haja tentativas de definição, estas não parecem ir muito mais além de elaborações amplias sobre os conceitos de poder, força social e a necessidade de construir instâncias organizativas populares em oposição ao Estado.

Se podemos afirmar que a primeira parte do problema foi resolvida, no sentido de que há suficiente elaboração para entender *o que é o poder* desde uma perspectiva anarquista; parece que ainda falta a segunda parte do problema, isto é, como se configura e se materializa este poder, qual seria a sua forma e evolução em um contexto moderno e que nem de longe será ideal, pelo contrário. Em outras palavras, qual seria o programa e a estrutura ao redor dos quais se configuraria este poder. Afinal:

A desestruturação de um sistema abre novas possibilidades, surgem novas combinações que não existiam na ordem anterior. Mas seria negativo idealizar, acreditar que tudo o que encontraremos será positivo e que as heranças malditas do sistema desaparecerão assim, sem mais nem menos. (...)

De qualquer forma, o “salto” não produz possibilidades ilimitadas, possibilidades mágicas. As possibilidades de um determinado avanço da ordem social após a ruptura inicial manterão uma relação fundamental com a realidade que a precedeu. Mas é previsível que surjam problemas que atrapalhem ou sejam negativos e até contraditórios com o processo que se busca. (...)

Não bastam frases gerais e vagas. É preciso orientar-se para pensar o funcionamento da economia, as instâncias globais de decisão política, o ideológico, a articulação das diferentes áreas sociais, os valores a destacar, etc.<sup>18</sup> (FAU, 2020)

---

<sup>18</sup>Tradução nossa. No Original: *La desestructuración de un sistema abre nuevas posibilidades, surgen combinaciones nuevas que no estaban en el orden anterior. Pero sería negativo idealizar, creer que todo lo que encontraremos será de signo positivo y que las herencias malditas del sistema desaparecen así como así. (...) De todas maneras el «salto» no*

Por isso, caso o anarquismo contemporâneo queira tornar efetivas suas ideias, parece ser necessário aprofundar seu entendimento sobre as contradições que o esperam, e saber atravessá-las. Isso quer dizer desafiar ideias preconcebidas, romper com a zona de conforto e dedicar-se a uma análise séria do feito revolucionário para desenvolver uma interpretação profunda sobre ele.

Afinal, o ensinamento que nos proporcionam os processos revolucionários e as diferentes organizações libertárias que os protagonizaram parece ser que nenhuma revolução resolve os problemas de forma automática; pelo contrário, seu início pressupõe um momento de extrema tensão e complexidade. A tarefa de construção de uma nova sociedade, portanto, enfrenta todas as barreiras impostas por um contexto de escassez econômica e de ameaça contrarrevolucionária constante – interna e externa. A queda do Sistema de Dominação pode ocorrer, porém as bases de suas estruturas não desaparecem rapidamente; e o grande desafio para o novo sistema parece ser buscar o equilíbrio entre o pragmatismo, seus princípios ideológicos e uma estratégia vitoriosa.

Há diferentes formas e intenções no estudo e no fazer da memória histórica. Na celebração deste 90º aniversário da Revolução em Espanhola, a proposta deste artigo é, portanto, a de buscar as contradições como método para destrinchar um entendimento sério dos acontecimentos e sua relevância para os dias de hoje.

\*\*\*

Terminamos aqui este artigo retornando ao seu princípio, com a menção de um dos personagens que o protagonizaram: Manuel Escorza del Val. Um quase total desconhecido das referências sobre o período, e sobre o qual circularam um enorme número de insultos e acusações por todas as partes e lados. Inválido em um mundo de ideal de força e progresso, da revolução como destino, talvez suas muletas encaixem melhor nesses nossos tempos de declínio e constatação dos fracassos. A ele tocou assumir um papel tão ingrato quanto vital: a espionagem e a repressão. Uma figura de extremo interesse frente a uma memória histórica sempre em busca de heróis, em tempos em que se compete pela detenção da maior pureza (supostamente) antissistêmica.

---

*produce posibilidades ilimitadas, posibilidades mágicas. Las posibilidades de un determinado avance del ordenamiento social después de la inicial ruptura guardarán fundamental relación con la realidad que le precedió. Pero es previsible que se presenten problemas que entorpecen o resultan negativos y hasta contradictorios con el proceso que se procura. (...) No bastan frases generales y vagas. Hay que orientarse a pensar desde el vamos el funcionamiento de la economía, las instancias globales de decisión política, lo ideológico, la articulación de las distintas áreas sociales, los valores a resaltar. etc.*

Quem sabe sua figura não nos possa ajudar a debruçar-nos com mais detalhe, humildade e preocupação às contradições e dificuldades da realidade revolucionária. Afinal, como ele mesmo teria afirmado: “nosso trabalho não deve limitar-se à criação do feito insurrecional, mas também criar os órgãos que hão de fazer e manter a revolução.”<sup>19</sup> (IISG ARCH00293.005D.14)

## ARQUIVOS E DOCUMENTOS CONSULTADOS

Arxiu Nacional de Catalunya

- ANC1-886-T-6314: Actes de reunions de plens de grups anarquistes

International Institute of Social History (IISG), CNT (España) Archives:

- 85C1: Actas de las reuniones. Diciembre 1936 a junio 1937. Con actas de noviembre de 1937.
- 005D.14: Memoria sobre planteamiento, ejecución y consecuencias de un golpe de estado. Abril 1937.

## BIBLIOGRAFIA

CORREA, Felipe. **Criar um povo forte, contribuições para a discussão sobre Poder Popular**. Faísca Publicações Libertárias, São Paulo 2010.

\_\_\_\_\_. **Bandeira Negra, rediscutindo o anarquismo**. Autonomia Literária, São Paulo. 2022

FAU, Federación Anarquista Uruguaya. **Poder Popular desde lo libertario**, publicado online em <https://federacionanarquistauruguay.uy/poder-popular-desde-lo-libertario-fau/> , 2020.

GUILLAMÓN, Augustín. **Los Comites de Defensa**. Alejandría Proletaria (ed. Digital), 2018

\_\_\_\_\_. **Los Amigos de Durruti – Historia y antología de textos**. Alejandría Proletaria y Potal Libertario OACA (ed. Digital), 2018.

GUILLÉN, Abraham. **El error militar de las «izquierdas»**. Editorial Hacer, Barcelona, 1980.

GOMEZ, Miguel G. **La CNT y la Nueva Economía**. Fundación Anselmo Lorenzo, Madrid, 2024.

LÓPEZ, Fabio López. **Poder e Domínio, uma visão anarquista**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2001.

---

<sup>19</sup>Documento de Abril de 1937 dos serviços de inteligência que está sem assinatura. Dada a característica do documento, proveniente da direção de tais serviços, Sans atribui sua autoria à equipe de Escorza. A coincidência com as posições do próprio Escorza recolhida nas diferentes atas, por sua vez nos faz supor a autoria do próprio. Tradução nossa. No Original: *nuestra labor no debe limitarse a la creación del hecho insurreccional, sino a la creación de los órganos que han de hacer y mantener la revolución*.

MECHOSO, Juan Carlos. **A Estratégia do Especifismo**. Faísca Publicações Libertárias, 2015

OLIVER, Joan Garcia. **El Eco de los Passos**. Ruedo Ibérico, París, 1978.

OMEDES, Anna Monjo. **Militantes – Democracia y Participación en la CNT de los años 30**. 17Delicias, ed. digital, 2019

OSL, Organização Socialista Libertária. **Manifesto, Princípios e Estratégia Geral**. Faísca Publicações Libertárias, São Paulo, 2023.

PAZ, Abel. **Durruti en la Revolución Española**. Fundación Anselmo Lorenzo, Madrid, 2016.

SANS, Dani Capmany. **Quemar a Troncoso – Inteligencia Libertaria Durante la Guerra Civil Española**. Piedra Papel Libros, Jaén, 2024.

SANZ, Ricardo. **El Sindicalismo y la Política**. Descontrol Editorial, Barcelona, 2015 [publicação original 1966]

SANTILLAN, Diego Abad de. **Memorias 1897 – 1936**. Planeta, Barcelona, 1977. [Edición digital: C. Carretero, Confederación Sindical Solidaridad Obrera.]

**Revisado por Rafael V. da Silva.**

**Publicado no ITHA em 03/06/2026**